



# CINEMA

SEMANARIO  
CINEMATOGRAFICO

NUMERO 4

PREÇO 1\$00

Na Capa:— Sylvia Sidney, protagonista de «Ruas da Cidade», da «Paramount»

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bomjardim, 436-3.º  
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00. Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

Narração Cine-  
matográfica de F.  
W. Murnau e R. J.  
Flaherty

## “Sabu”

Apresentada  
pela  
“Paramount”

3—(Continuação)

O seu renome estendia-se ao longe, ecoando em todos os *atolls*; os cantores chamavam-lhe a «pérola do Sul» e em seu louvor desdobravam as mais subtis harmonias. Não havia comparações elogiosas que lhe não prodigalizessem: e os moços, à noite, em suas cabanas, sob o calor enervante dos Trópicos, pensavam nela ao ver a lua subir acima das árvores. Não podiam dormir... até à aurora.

Ora, aconteceu que um tufão destruiu Moorea, e Reri foi para Bora-Bora, a bordo duma chalupa com sua família, para ali se instalar.

Reri era a mais bela rapariga das ilhas que seria possível imaginar. Tinha o corpo duma perfeição extraordinária, olhos vivos e admiráveis, cuja expressão, às vezes triste, era corrigida, temperada pela malícia dum sorriso ingénuo e delicioso. Era casta, andava de cabeça erguida e já os desejos da tribo se exasperavam atrás dela.

Trazia caídos sobre os ombros, espessos como um pelo, cabelos de ébano, em que a flor vermelha do hibisco estava altivamente colocada; uma corôa de flores brancas ocultava-lhe os meúdos seios de virgem. Além disso, era graciosa nos meneios do corpo e nadava como uma verdadeira deusa das ondas sem recear o furor das vagas.

Matahi encontrou-a no regresso da pesca, quando ia, com outros, lavar numa queda de água o seu corpo brilhante de sal.

Os homens, depois de fazerem abundante colheita, brincavam sob a abobada da floresta, perseguindo-se em lutas amigáveis. Mas de repente um grito agudo cortou o silêncio das altas ramarias, seguido de grandes risadas frescas.

As raparigas! As raparigas que se banhavam e se julgavam sós! Avançaram então a passo rápido, dissimuladas sob as largas folhas, contendo a impaciência e bôca aberta de riso. Chegaram assim à margem do regato quasi invisível, ao pé da queda de água que amortecia o ruído dos seus passos. E espreitaram.

O espectáculo era único de encanto e de beleza. Na bacia profunda que a água — caíndo ali havia muitos séculos abrixa debaixo da queda, uma dúzia das mais lindas raparigas de clan corriam umas atrás das outras na onda de trans-

parências de cristal e de esmeralda. Tinham conservado a tanga, por se julgarem à mercê dos indiscretos. Algumas, do alto dum rochedo, distendendo bruscamente os músculos, mergulhavam corajosas como homens; outras, em demoradas cachafundas, iam puxar pelas pernas das suas companheiras mais receosas; outras ainda realizavam nas águas fases duma verdadeira batalha; e as suas risadas claras, amplificadas pelo éco, subiam mais alto do que o ruído eterno da cascata.

Entre elas, encontrava-se Reri. Era um verdadeiro diabrete. As outras bem se encarniçavam em perseguí-la; ela dava reviravoltas, deslisava como uma serpente entre as mãos, desaparecia nos abismos glaucos para, de súbito, voltar à superfície, com uma exclamação zombeteira, no momento em que menos se esperava.

Os mancebos, tendo-se dispersado com precaução, a um sinal de Matahi, mergulharam em conjunto. Houve gritos de espanto e de triunfo! Apoderaram-se rapidamente das banhistas e arrastavam-nas, a despeito da sua resistência, até à sombra fresca do rochedo. Elas — passado o primeiro espanto — reconheciam nesses agressores ousados os seus noivos e os seus amantes; prestavam-se, sem grande dificuldade, aos brincedos da onda e do desejo, senhor dos homens.

Matahi perdera, contudo, Reri. No momento em que se lançara à água, a pérola da ilha tinha desaparecido! Todos os seus companheiros possuíam agora nos braços uma presa trémula; só êle, de mãos vazias, se obstinava em procurar a que fugira.

Reri, mais maliciosa do que bravia, nadara silenciosamente até um tufo de largas folhas, onde se ocultara; depois, afastando de vez em quando as nervuras da planta, contemplava Matahi e divertia-se sózinha com o seu ar furibundo.

Matahi agradava a Reri. Cercava-o a auréola de ser o mais completo dos rapazes, o filho do chefe. Além disso, mostrava-se mais amável com as raparigas do que os outros; sabia falar-lhes; não exigia delas o que, na total liberdade dos idílios oceânicos, os homens se apressam a obter e perseguem por todos os meios.

(Continua).

Já está pronto o cenário de «La Perle», o próximo filme da «Paramount» de França, que René Guissart vai dirigir,

John e Lionel Barrymore, logo que terminem os seus papeis em «Grand Hotel», para a «M-C-M», interpretarão uma fita para a «Radio».

Carmel Myers foi assaltada no seu quarto, na casa de Hollywood, no dia 18 de Janeiro, por dois bandidos que lhe roubaram jóias no valor de 20.000 dolares.

O pequeno actor Jackie Cooper vai aparecer pessoalmente nos principais cinemas da «M-G-M».

Arthur Loew, da «M-G-M», já partiu de aeroplano de Hollywood para o Texas, primeira étape da sua viagem à América do Sul.

Ludwig Berger vai dirigir um grande filme para a «Ufa», produção de Erich Pommer.

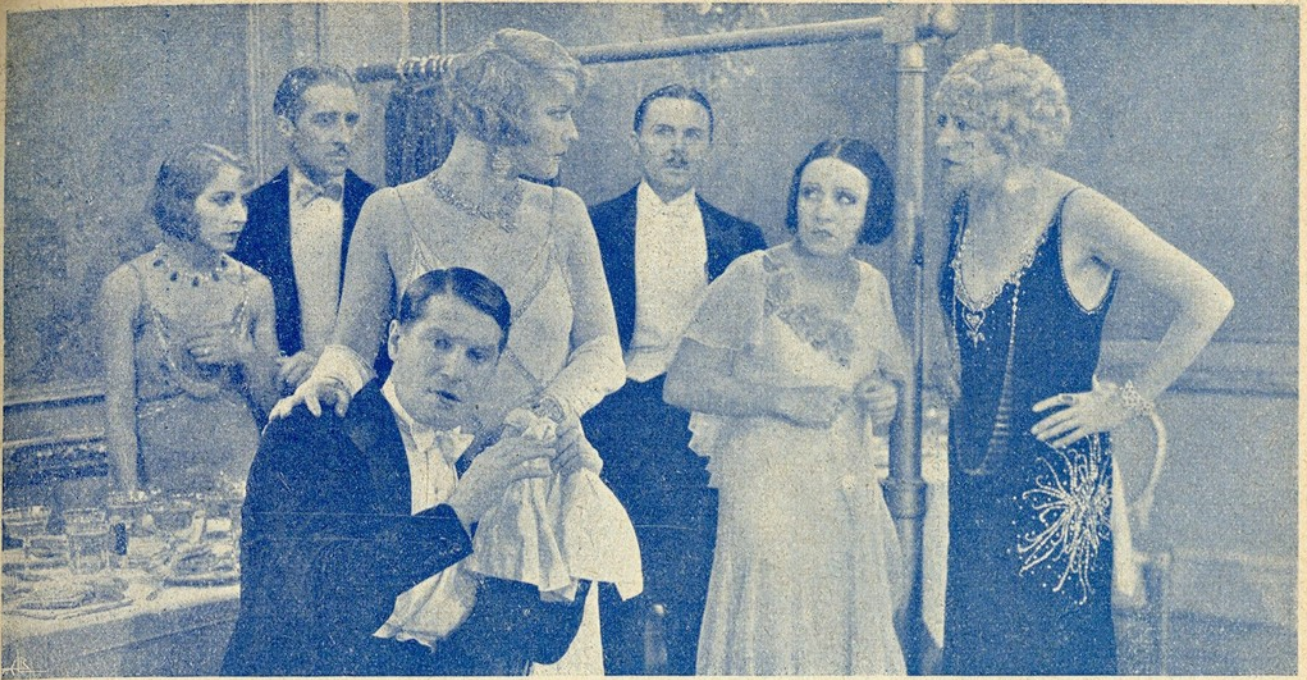
Colleen Moore, há já muito afastada do cinema, saiu em meados de Janeiro de Nova-York para Hollywood. Ignoram-se os seus projectos.

A «Paramount» já terminou a escolha dos artistas que vão interpretar «The Miracle Man» («O Milagroso»). São: Sylvia Sidney, Chester Morris, John Wray, Irving Pichel, Roberte Coogan, Lloyd Hughes, Hobart Bosworth, Jackie Searl, Boris Karloff, Nod Sparks, Florence McKinney, Effie Ellsler, Virginia Bruce, Frank Darien, Lew Kelly e Sherry Hall.

Lewis Milestone chegou a um acôrdo com Joseph M. Schenck, presidente da «United Artists», pelo qual Milestone dirigirá e supervisará várias películas para aquela marca.

Quando filmavam, nos primeiros dias de Janeiro, umas cenas marítimas em Naples, perto de Los Angeles, para o filme «The Black Robe», da «Paramount», virou-se o gazolina onde iam os principais intérpretes, caíndo à água Frederic March, Kay Francis e Stuart Erwin. Foram recolhidos pelo gazolina que conduzia o pessoal técnico, entre o qual o realizador Lothar Mendes.

O titulo da nova fita «Courage» com Robert Montgomery, para a «M-G-M», foi alterado para «Lovers Courageous» («Amantes Corajosos»).



«O Café do Felisberto», a espirituosa comédia de Tristan Bernard, é mais um magnífico trabalho de Maurice Chevalier. Aqui o vemos em primeiro plano numa cena daquela película da «Paramount», com Tania Fédor, Yvonne Vallée e Françoise Rosay

## O Cantinho dum Cinéfilo

No momento em que escrevo, deve estar prestes a ser publicada no «Diário do Governo» uma portaria criando a Comissão de Cinema Educativo, cuja missão é a de *propôr ao ministro da Instrução Pública a execução de películas culturais, indicar-lhes os nomes de indivíduos idoneos para a confeição dos argumentos respectivos, informá-lo da qualidade dos mesmos e propôr quaisquer correções, resolver, com recurso para o ministro da Instrução Pública, todas as duvidas e desinteligenças que surjam entre o redactor do argumento e o realizador da película; indicar fundamentalmente ao ministro da Instrução Pública o número de películas que o adjudicatário deverá fornecer à Comissão, nos termos deste decreto e conservá-las e propôr a sua distribuição pelos diferentes estabelecimentos de ensino.*

Sou dos que compreendem a grande força do cinema no serviço pedagógico, dos que veem a necessidade de utilizá-lo como tal, no nosso país. Mas acho que de tal decreto, nas bases que aqui me são presentes, não advirá grande expansão do cinema educativo nem se atingirá a sua finalidade.

Segundo o Art. 4.º, à adjudicação da realização de películas cinematográficas de cultura, só poderão concorrer as entidades portuguesas registadas no Tribunal do Comércio, que *possuam os necessários conhecimentos técnicos para a execução dos trabalhos que constituem o objecto do concurso ou ter funcionários técnicos que os possuam; terem já realizado trabalhos cinematográficos que possam, pela sua especialidade, comprovar, praticamente, a sua competência profissional, ou terem funcionários técnicos que os tenham realizado.*

■ ■ ■

Quási posso afirmar que não ha entidade alguma portuguesa nas condições de poder responder às exigências do

Art. 4.º. E não me venham retorquir: «E o Leitão de Barros? E os laboratórios de Raul Lopes Freire? E a Lisboa-Film?» Não! Nenhuma dessas entidades está em condições de produzir os desejáveis filmes culturais. Se, como películas educativas, se limitarem à filmagem dos exercícios físicos dos alunos da Casa-Pia ou do Instituto Feminino, ou quadros quejandos, então estaria bem. Mas como o decreto indica que a pretensão é a de *fomentar nas escolas portuguesas o uso do cinema como meio de ensino, e de proporcionar ao público, em geral, a apreensão fácil de noções úteis das Ciências positivas, das Artes, das Industrias, da Geografia e da História,* o caso é muitíssimo diferente.

■ ■ ■

Em meu entender, seria preferível que o ministério da Instrução Pública pegasse no Antonio Mendes, ou no Quintela, ou no Salazar Dinis ou no Manuel Vieira ou em qualquer dos competentes fotógrafos cinematográficos que possuímos e o mandasse, de conta do Estado, durante alguns meses (em 6 meses de estudo afinado já se aproveitaria alguma coisa) para junto dos estúdios e laboratórios da Pathé, ou, preferivelmente, para a Alemanha, para junto dos da «Ufa». E aí, em contacto com os técnicos, com os professores especializados, com os aparelhos de microcinematografia, com as estufas, com os viveiros, etc., qualquer desses operadores poderia aprender o necessário para depois, em Portugal, produzir os desejáveis filmes do género — se também tiver ao seu dispôr os meios materiais necessários.

Antes disso, ou de similares medidas tendentes à criação do pessoal técnico português, creio que é malhar em ferro frio.

C  
I  
N  
E  
M  
A

De novo a fortuna bate a uma porta... Um outro actor famoso que aparece... Clark Gable é presentemente o «menino querido» que as companhias disputam a péso de ouro e que o público admira.

O seu caso é idêntico ao de muitos actores... Viveu em Hollywood durante muito tempo, trabalhou em inúmeras películas e chegou mesmo a estar contratado pela «M-G-M», mas nem assim conseguiu alcançar a fama e as oportunidades que um desses momentos de sorte cedem aos que trabalham no cinema.

Clark Gable não é um rapaz com a figura e os atractivos de Valentino, mas possui o atractivo que emana dos homens bem homens, — viris e denodados. Não se pode dizer que seja feio... Tem uns bonitos olhos, uma estupenda dentadura, um belo cabelo negro...

Se é verdade, na América, que todas as raparigas cinéfilas já estão loucas por ele, também os seus companheiros de trabalho se mostram atraídos pela sua simpática personalidade.

Apenas tem trinta anos, mas já se casou três vezes, — segundo resa a sua biografia oficial. E destas três vezes casou-se com mulheres que eram uns dez anos mais velhas do que ele... Uma delas já tinha uma filha que muitas vezes passou por sua mulher... Do seu primeiro matrimónio teve um filho de quem recebe cartas ternas, — principalmente depois que o nome do papá começou a andar estampado nas primeiras páginas das grandes revistas de cinema.

Teve uma mocidade aventureira como todos os rapazes que conseguem chegar a «astros» refulgentes... Filho de um encarregado das perfurações dos poços de petróleo no estado de Ohio, onde nasceu, conseguiu ser contratado por uma companhia dramática mais do que mediana, onde a sua constância e a sua habilidade mereceram as simpatias de todos os elementos que a formavam. Com os primeiros dois mil dólares que juntou, foi para Nova-York e aí apressou-se a aprender declamação e a aperfeiçoar-se no cultivo da voz.

Por fim, teve oportunidade de representar o papel de Romeu com a célebre actriz Jane Cowl, que desempenhava o de Julieta. Obteve um grande êxito e continuou a trabalhar em várias compa-

## Clark Gable, o novo ídolo



Greta Garbo e Clark Gable, numa cena de «Susan Lenox»

nhas até que um dia foi párra a Los Angeles.

Mas aqui nunca vale os triunfos do teatro... E' necessário fazer uma nova aprendizagem... E' preciso passar os mesmos trabalhos, as mesmas privações, as mesmas dificuldades... Logrou ter alguns papeis em «Madame X» e «Chicago», — mas a sua atenção passara despercebida... Desanimado, voltou a representar numa companhia do Texas...

Um dia recebeu um telegrama daqueles que muito se esperam mas que nem sempre chegam... Era um convite para desempenhar o protagonista numa comédia de grande êxito que se ia representar num teatro de Los Angeles. Aceitou. E representou tam bem que os dois Barrymore, John e Lionel ficaram maravilhados com o seu trabalho surpreendente.

Logo desempenhou importantes papeis nos filmes «The Painted Desert», com Helen Twelvetrees e Bill Boyd, e em «The Easiest Way», ao lado da famosa Constance Bennett.

A «M-G-M» ligou-o a si por um excelente contrato... Mas foi uma mera casualidade que levou Clark Gable aos píncaros da glória... Um dia, um director buscava um «tipo» para uma produção que ia iniciar... Veio Gable, — e imediatamente ficou resolvido que desempenharia o principal papel... Apareceu como galã ao lado de Norma Shearer em «A Free Soul».

Entrou depois em «The Secret Six», onde representava o papel de um jornalista-«detective», e a sua atuação mereceu fartos elogios. A sua carreira já estava assegurada: e por isso deram-lhe o principal papel em «Susan Lenox», um dos mais recentes filmes de Greta Garbo. E, na continuação da sua marcha para a celebridade, Clark Gable está agora interpretando «Polly of the Circus», com Marion Davies.

### Nesta semana fazem anos:

- Fevereiro 13 — George Fitzmaurice, realizador (37).  
14 — Stuart Erwin.  
15 — John Barrymore (50).  
16 — Chester Morris (30).  
16 — Mack Swain (56).  
17 — Mary Brian (24).  
17 — J. Harold Murray (41).  
18 — Adolphe Menjou (41).  
19 — Dorothy Janis (22).

### Efemérides da semana

13 a 19 de Fevereiro

- Fevereiro 13 (1931) — E' apresentado o film «Luzes da Cidade» aos presidiários de Sing-Sing.  
15 (1926) — O actor americano Lowell Sherman casa com a actriz francesa Pauline Garon.  
16 (1902) — Nasce em New-York o actor Chester Morris.  
17 (1908) — Nasce em Corsicana, Texas, a actriz Mary Brian.  
18 (1931) — Morre em Hollywood o actor Louis Wolheim.  
19 (1931) — Charlie Chaplin desembarca em Plymouth, donde segue imediatamente para Londres.

### «Marrocos» o melhor filme no México

O diário mexicano «El Universal» fez um inquérito aos seus leitores para saber quais os melhores filmes exibidos em 1931, o qual deu o seguinte resultado: «Marrocos», «Luzes da Cidade», «Ruas da Cidade», «Fatalidade», «Silence», «Cimarron», «Inspiration», e «Her Man».



**A N N Y   O N D R A**

exemplar único da fantasia no cinema, vai aparecer em «Anny na Alta Roda», que promete ser outra criação da querida actriz tschecoslováca, que todo o público adora. Viva a Tschecoslováquia!





Milton Sills, que deixou viuva Doris Kenyon. Lon Chaney, uma das mortes mais sentidas de Hollywood. Emilio Chione, o famoso Zà-là-Mort, deixou saudades em todos os cinéfilos da velha guarda

Sue declarou que ia registar o terreno aurífero na Repartição de Terras, opôs-se e disse:

— Ninguém pode sair daqui!

— Como se atreve a falar assim? — inquiriu o velho Strik —. Fui eu que descobri a mina.

— Obedeça-me, — ordenou Darvas —.

Fique sabendo que comando uma quadrilha de valentes e o oiro da mina ha-de ser meu.

— Então vou já queixar-me ao Sheriffe, — bradou Strik.

— Para onde você vai, sei eu. — E com um tiro certo atravessou o coração do pobre velho.

— Eu represento a lei, — exclamou uma voz —. Sou o Sheriffe!

— O senhor foi o Sheriffe, mas já não é, — gritou Darvas —. Fique sabendo que sou Kedge Darvas. Sou dictador numa cidade trezentas vezes maior do que Bunsen! Entendeu? Eu e os meus homens estamos aqui para enriquecer!

— Mas eu represento a lei, e... dou-lhe voz de prisão, — replicou o Sheriffe.

— A lei está agora em minhas mãos, — bradou Darvas —. Quem manda aqui sou eu e os meus homens, e para melhor me garantir mandarei vir o resto da minha quadrilha, para dominar todos, enquanto explorar a mina.

E enquanto Brad Farley continuava a caçar cavalos bravos nas montanhas, a fazenda de Sue Vancey ficou inteiramente sob o domínio de Darvas.

## = Em Hollywood também se morre!... =

Ha uma rara superstição em Hollywood: a morte de uma estrela é sempre seguida pela morte de outras duas... E pelos caprichos da lei inexorável do Destino em muitas ocasiões esta sombria superstição foi confirmada pela triste realidade. E por isso, sempre que se apaga o brilho de qualquer astro daquele céu de celulóide, Hollywood comove-se profundamente e umas rugas de angústia aparecem em todos os rostos...

¿ Quem morrerá a seguir? ¿ Quais serão os tristes companheiros que a morte vai arrebatat?

E nesta espera esgotante, as horas parecem parar, — talvez para alargar indefinidamente o sofrimento colectivo...

Em 1926 a inolvidável actriz Bárbara La Marr partiu para a eternidade, deixando uma profunda saudade no coração dos seus admiradores... A morte de Bárbara foi seguida pela de outro ídolo, mais inolvidável ainda e sempre insubstituível no coração das fanáticas da sétima arte: Rodolfo Valentino, o que sabia conquistar as mulheres... Depois foi Einar Hansen, que também deixou uma grata recordação pela sua arte e o seu talento, — e por certa história de um assassinato e duelo, onde o nome de John Gilbert esteve levemente metido e discretamente protegido...

Trilogia funesta que impressionou cruelmente Hollywood!...

Depois outro caso para justificar de novo a superstição: morreram Lon Chaney, Milton Sills e Alma Rubens... Três figuras proeminentes no mundo do cinema que desapareceram para sempre...

Agora, num praso surpreendentemente curto, outras três «estrelas» seguiram a lei fatal: Robert Williams, Lya de Putti, Robert Ames...

Robert Williams acabava de obter o êxito da sua carreira cinematográfica. O seu último filme, «Platinum Blond», exhibira-se ha pouco na Broadway quando a Parca o arrebatou para todo o Sempre. Williams havia começado a filmar uma película para a «Pathé», a que estava ligado por um contrato de larga duração, quando um violento ataque de apendicite lhe produziu a morte quasi instantânea. Sómente ha dez dias havia começado a filmagem das primeiras cenas; a bela Constance Bennett, hoje marquesa de la Falaise, era a sua «partenaire»...

Mas rei morto, rei posto... logo que a companhia soube da morte de Williams, contratou Ben Lyon para aquele papel.

Lack, o capataz da fazenda, foi o único que conseguiu fugir sem ser visto e ao chegar às montanhas procurou Brad e Stub, que, informados do que se passara, reuniram todos os seus empregados para combinarem o plano de ataque.

E é a dedicação do vaqueiro, cuja coragem o amor centuplicava, que Sue ha-de dever, após muitas complicações e incertezas, o triunfo final.

A vida de Williams... Esteve envolvido em aventuras e escândalos passionais... Casou-se e divorciou-se várias vezes... Apareceu em muitas películas... Mas o seu triunfo foi muito maior nos teatros da Broadway...

Veio depois a morte da «estrela» húngara Lya de Putti. Lya ultimamente dedicava-se a uma vida de sociedade, fazendo frequentes viagens à Europa, — e não ligava grande importância aos êxitos e fracassos cinematográficos.

Todavia, ha pouco tempo, talvez iludida com uma volta aparatosa ao cinema, fez uma aparição num teatro de Broadway numa comédia intitulada «Made in France». Mas a morte chegou e roubou-lhe todos os seus sonhos!

A sua vida íntima... Antes de abandonar a Europa para procurar fortuna na América, já Lya tinha vivido uma vida de emoções... Havia contraído matrimónio duas vezes e obtido dois divórcios... O seu segundo marido foi um nobre barão que fracassou na conquista daquela linda mulher, — aos pés da qual colocou o seu amor, o seu título e a sua fortuna... Nessa época, a actriz húngara era «estrela» de primeira grandeza da «Ufa». «Variedades», com Emil Jannings, constituiu o seu mais positivo triunfo. Depois filmou a bela novela romântica «Manon Lescaut»... O director D. W. Griffith viu-a e contratou-a para a «Paramount».

Depois de uma série de filmes feitos na América, Lya de Putti foi trabalhar para Londres, para a «British International»...

Foi o fim... A morte rondava perto...

Ao saber-se a notícia desta segunda morte entre artistas de Hollywood, o pânico foi tremendo...

¿ Quem se seguirá?...

Num momento o telegrafo, o rádio, os diários gritavam a notícia da morte de um outro actor que triunfava nesse momento: Robert Ames... Uma hemorragia cortou-lhe o fio da existência quando acabava de chegar à sua casa de Hollywood.

A história de Ames, como a dos seus companheiros nesta trágica trilogia de mortes, é de grande colorido e interesse.

Casou-se quatro vezes e quatro vezes se divorciou. Nunca soube conquistar a felicidade...

Robert Ames havia realizado quasi um milagre: aos quarenta anos ainda representava à maravilha papeis de galã jovem!...

De cima para baixo: Lya de Putti, que por duas vezes tentou suicidar-se, e que um osso de galinha, dizem, tirou do número dos vivos. Barbara La Marr, uma vampe que fez eco, morreu vitimada pela tuberculose; vemo-la em baixo, num filme, com Matt Moore. Rodolfo Valentino, o maior ídolo do cinema, deixou enlutada uma legião de cinéfilas. Lucil le Rickson, que aqui vemos com William Haines, desde os 5 anos que trabalhava para o cinema; morreu quando principiava interpretando primeiros papeis



## Dentro e Fora dos Estúdios

A nova casa francesa «Stella Films» está preparando «Rocambole», de Ponson du Terrail, sob a direcção de Gabriel Gabrio, ajudado por André Pellanc. Ainda se não sabe quem serão os intérpretes.

A «Paramount» vai começar «La Perle», de Yves de Mirande, que René Guisart dirigirá. A acção desenrola-se nos meios elegantes de Paris, devendo algumas cenas ser tiradas na Place Vendôme, Rue de La Paix, etc.

Charles Brabin está terminando para a «M-G-M» a fita «Beast of the City» («Fera da Cidade»), com Jean Harlow e Walter Huston nos principais papeis. O filme trata dos problemas com que se defronta a policia nas diversas cidades americanas, mostrando as dificuldades com que a lei é mantida.

Hans Schwartz terminou na semana passada a filmagem de «La Petite Femme de Montparnasse», para a «G. F. F. A.».

Marie Dressler, há pouco elevada à categoria de «estréla» pela «M-G-M», firmou recentemente um novo contrato com aquela casa. Marie Dressler, que obteve o premio da Academia de Ciências Americanas, pela melhor interpretação feminina de 1931, terminou já o novo filme «Emma», com Myrna Loy, Barbara Kent, Jean Hersholt, Kathryn Crawford e John Miljan.

«O Canto do Cisne», sôbre a vida de Mozart, está em vias de realização. Henri Roussell vai dirigir esta película, dum cenário de H. Duvernois.

Nos estúdios da «Ufa», em Neubabelsberg, Carl Boese está dirigindo «L'Es-brouffeur», um filme em francês tirado dum comédia de Louis Verneuil, com Alice Field, Roger Tréville e Lucien Baroux como principais intérpretes.

Os interiores de «Le Fils d'Amerique», que Carmine Gallone está fazendo para a «Os»o, com Albert Préjean e Anabella, serão tirados em Berlim.

Como já dissemos há dias, resumidamente, Ramon Novarro renovou o seu contrato com a «M-G-M», pelo qual não só interpretará como dirigirá películas para aquela casa, a única para que tem trabalhado, desde há 10 anos.

O filme «Atlantida», que G. W. Pabst está principiando, terá uma versão inglesa da qual serão intérpretes Brigitte Helm e John Stuart.

Telegrama de Nova-York informa-nos de que, sucedendo a Sidney Kent na «Paramount», foram eleitos Emanuel Cohen, como vice-presidente e George J. Schaefer como director das vendas. Até há pouco, Emanuel Cohen era o director da produção de filmes curtos e editor das revistas «Paramount», e George J. Schaefer director das vendas da secção Este.

A «Paramount» de França adquiriu os direitos do romance de Kessel «Le Coup de Grâce» e do romance de Maurice Le Glay, «Les Sentiers de la Guerre et de l'Amour», dos quais vai fazer fonofilmes.

A «Fox» acaba de mudar o titulo da sua recente fita «The Gay Bandit». («O Bandido Alegre») para «The Gay Cabalero» («O Cavalheiro Alegre»). George O'Brien é o protagonista.

A «Columbia» tem cinco novas fitas quasi terminadas: «The Challenger» titulo provisório, com Ben Lyon e Constance Cummings; «Love Affair», com Dorothy Mackaill e Humphrey Bogart, «South of the Rio Grande», com Buck Jones, «Shopworn», com Barbara Stanwyck e «Men in her Life», com Lupe Velez.

A «Ufa» apresentará esta época na América as seguintes fitas, em alemão: «Yorck», com Werner Krauss, «Der Sieger», com Kaethe von Nagy, «Zwei Herzen und ein Schlag», com Lillian Harvey, «Ronny», com Kaethe von Nagy, «Stuerme der Leidenschaft», com Emil Jannings e, em inglês, «A Loucura do Monte-Carlo» e «O Congresso que Dança».

Henriette Browne, a autora e adaptadora teatral de «Over the Hill», a fita que a «Fox» fez recentemente com Mae Marsh, processou aquela casa pedindo uma indemnização de 500.000 dolares por não ter adquirido os direitos de autor, que lhe pertencem.

### Janet Gaynor e Charles Farrell outra vez juntos

Logo que Janet Gaynor regressar da Europa a Hollywood, a «Fox» começará a produção da fita de Buddy De Sylva «Have a Heart», com Janet Gaynor e Charles Farrell nos protagonistas. Buddy De Sylva é um dos co-autores de «Sonho Cór de Rosa», «1980», «Alta Sociedaden», etc.

A «First National» tem actualmente em produção as seguintes fitas: «The Crowd Roars», com James Cagney; «It's Hell to Be Famous», com Douglas Fairbanks Jr.; «Pleasure First», com Kay Francis, e «The Rich Are Always Whitt Us», com Ruth Chatterton.

A fita alemã «Sua Alteza Diverte-se» realzada por Conrad Wiene tem sido exibida com successo no «Atrium», de Berlim. São seus principais intérpretes Georg Alexander, Lien Deyers, Trude Berliner e Hans Junkermann.

Ernest Lubitsch desistiu de ir a Nova-York assistir à estreia de «The Man I Killed» («O homem que matei»), em virtude de ter necessidade de assistir em Hollywood à montagem de «One Our With You» («Uma hora contigo»), que George Cukor dirigiu com Maurice Chevalier, e de que Lubitsch é supervisor.

Estão na Europa os artistas americanos John Gilbert e sua esposa Ina Claire. Sairam de Nova-York no «Bremen» no dia 17 de Janeiro.

Adolphe Menjou, que deve estar prestes a regressar da Inglaterra aos Estados Unidos (se não regressou já no momento que estas linhas forem publicadas) interpretará para a «Universal» um dos papeis de «The Marriage Interlude» ao lado de Anita Louise e Tala Birell.

Richard Talmadge começou em fins de Janeiro a sua nova fita «Mansions of Fear», sob a direcção de George Crone.

Tom Mix, que convalesceu rapidamente, começou já filmando para a «Universal» a sua primeira fita falada «Destry Rides Again».

De modo a poder completar o seu programa de 52 fitas na época 31/32, os estúdios da «M-G-M» em Culver City estarão em plena actividade até Junho.

### As actualidades sonoras

A «Fox Movietone News» acaba de fazer à imprensa as seguintes declarações:

«Nenhum dos nossos filmes de actualidades sofre qualquer truque: o som e a imagem são registados ao mesmo tempo. Para isto é necessário uma organização formidável, e nós dispomos nada menos do que 180 caminhões de som para percorrer o mundo inteiro. Dezoito destes caminhões estão à disposição da nossa organização francesa para fazerem a reportagem quotidiana da vida da Europa.»

Os operadores para a prise de vues são escolhidos entre os melhores de que a França dispõe e constituem uma equipe admiravelmente habituada a este género de trabalho, — que por vezes é bem perigoso.»

### Filmes de «gangsters»

Desde há muitos anos que os americanos apresentam filmes de «gangsters». Os bandidos de Chicago eram antigos conhecidos dos «habitues» dos cinemas, — muito antes de serem focados por algumas reportagens de um Geo London. As famosas ligas moralistas dos Estados Unidos perceberam que estes filmes eram uma formidável publicidade para os bandidos de Chicago, — pois quasi sempre os apresentavam como heroes extraordinariamente simpaticos. Estes agrupamentos acabam de pedir ao governo americano para proibir a exhibição de filmes sôbre os bandos organizados de «gangsters».

As firmas produtoras reuniram para tomar conhecimento deste pedido, e como é costume fazer-se, tomaram umas vagas decisões...

Não se aceitam pedidos de assinaturas que não venham acompanhados das respectivas importâncias



## Betty Compson

Quando Herbert Brennon, director dos estúdios da «Radio Pictures», procurava a «estrêla» que deveria tomar a seu cargo o único papel feminino do filme «O Sargento Grischa», escolheu sem vacilar Betty Compson. — Não se sabe porquê, mas a verdade é que quando um director anda em busca de uma «estrêla» feminina de certa delicadeza, escolhe invariavelmente Betty...

Betty é o que se chama em Hollywood uma actriz amoldável, porque nunca se queixa das horas de trabalho, faz o que lhe mandam e conhece os segredos da câmara. Não dormiu no caminho que conduz à glória; e enquanto outras «estrêlas» desapareceram do firmamento da Cine-ândia, a luz desta «estrêla» aumentou de brilho. A sua resposta quando lhe perguntam o segredo do seu êxito é «trabalho»...

Betty diz que não sabe como passar os domingos, — porque não tem de ir para o estúdio trabalhar... Vive na sua magnífica residência numa colina a noroeste de Hollywood, em companhia de seu marido, o director James Cruze...

A sua principal ambição nesta vida era ganhar muito dinheiro, — e representar muitas cenas de amor... A Betty não lhe importa que as outras belezas cinematográficas recebam maravilhosos presentes e flôres: sómente lhe interessa ganhar muito dinheiro para comprar flores quando quiser. — Que agradável que é ouvir uma «estrêla» a expressar-se com esta singela franqueza!...



Pelo que diz respeito a amor, não se importa com o que os jornais e os departamentos de publicidade dizem: Betty gosta de conhecer muitas pessoas e presentear-las quando as relações se tornam mais íntimas.

A sua casa é um local onde todos os mem-

bro da colónia cinematográfica são sempre bem vindos, — e onde algum extra des onhecido não será mandado pôr na rua. Gosta de conversar com os actores de menor categoria, com pesar de algumas «estrêlas» de nome feio, que se julgam a aristocracia do reino do cinema...

Quando estava a trabalhar em «A Princesa do Jazz», Betty disse entre a filmagem de duas cenas que leria a sina na palma da mão de todos os pretendentes, — e fê-lo com uma serenidade que muitos extras se retiraram acreditando fiantemente na boa sorte que a «estrêla» produzia... Primeiro chamou o galã daquela película, Johnny Harron; depois foi um simples electricista dos estúdios, que por acaso passava perto naquele momento... Para Betty Compson, uma das coisas mais interessantes é o estudo dos diversos caracteres humanos, — e foi este estudo que fez dela uma boa artista que representa com um realismo que encontramos em poucas «estrêlas»... Betty compreende e sente o que representa...

Betty Compson é uma das artistas que mais teem trabalhado em filmes nos últimos dez anos, e pensa que o seu êxito foi devido a alguns magistrais papeis que representou em filmes como «As Docas de Nova-York». Não!... O seu brilho nunca se ofuscou: alguns realizadores míopes é que não conseguiam distinguir por algum tempo o brilho desta «estrêla» e Betty Compson não tem culpa desta falta de vista...

## Correspondência

UM LILIANFILO: — Não é bem como diz, se bem que tenha razão na observação que fez a «O Congresso que Dança». Na verdade, em todo aquele *traveling* a canção em que Lillian se faz ouvir, não está sincronizada com o movimento dos lábios. Tal deficiência (lastimável num filme da «Ufa» e, como diz, num Erich Pommer) não é, devida à montagem de som (o som, em tôdas as outras cenas é obtido na mesma ocasião da tomada de vistas). O que há é que tratando-se dum *traveling* invulgar, lindíssimo, em que os produtores quiseram obter o máximo de beleza visual, não seria possível filmar o quadro em toda aquela grandiosidade, se o microfone tivesse que acompanhar de perto a marcha do carro conduzindo Christel. De modo que Lillian Harvey pronuncia a letra da canção, sem que o *mike* a registre; depois, pelo processo *dubbing*, Lillian repete a canção diante do microfone, mas, por qualquer deficiência, não saiu bem sincronizada.

Também podia ser que êles quisessem aproveitar essa cena da versão alemã, visto que não aparece nenhum interprete da versão francesa. Mas, para isso, era preciso que Lillian pronunciasse as palavras da canção em alemão, e, nas duas vezes que vi o filme, sempre me pareceu que ela as pronuncia em francês.

Em qualquer dos casos, é um defeito,

muito embora apagado pela beleza de todo o resto da produção.

JOÃO CARRIÇO: — A melhor maneira de conseguir selos brasileiros é procurá-los no Consulado ou nalgumas casas de cambio. Anita Page, «Metro-Goldwyn-Mayer Studios» Culver City, Calif.

UMA FLOR D'ALMA; — ... que se alteia bela, pura singela...

1.<sup>a</sup> — Não me parece que «Cimarron» seja exibida esta época em Portugal. E', dizem, uma fita muito bem feita, um primor de técnica, cheia de riqueza, mas trata, mais ou menos, dos pioneiros da civilização americana, com as suas «caravanas gloriosas», assunto que já não seduz o nosso público, não seduzindo muito, por isso, os nossos compradores. 2.<sup>a</sup> — «Raparigas em Uniforme» é possível que venha a Portugal, talvez ainda esta época. Foi terminada ainda há pouco, e só se exibiu na Alemanha. 3.<sup>a</sup> — «Ruas da Cidade», com Sylvia Sidney e Gary Cooper, deve ser estreada brevemente no Porto.

UM ENGEITADO: — Sou de opinião que devem ser feitas fitas dum e doutro género; nem só como «A Minha Noite de Nupcias», nem só como «A Severa». Esta última ficou muito cara, exactamente por estarmos ainda no principio e não haver «organização», o que se evita quando haja continuidade de produção, com bases bem estudadas e organizadas.

Sobre a possibilidade de ser artista de cinema, leia a resposta a «Um

amigo de Eu Sei Tudo», no ultimo numero.

Pergunta-me se o Director ainda é doido pela Laurinha? E', sim, meu caro. Com uma agravante: agora é doido pela Laurinha e por mais uma duzia de ELAS. Ultimamente tem andado bastante Lillianico, Marlegloryfilo e, sobretudo, muitíssimo Marlénico. Não falando nas que a gente aqui mal conhece, e que ele viu na Alemanha ou nos retratos: A Truus vans Aalten, a Lyen Deyers, a Paudler, etc.

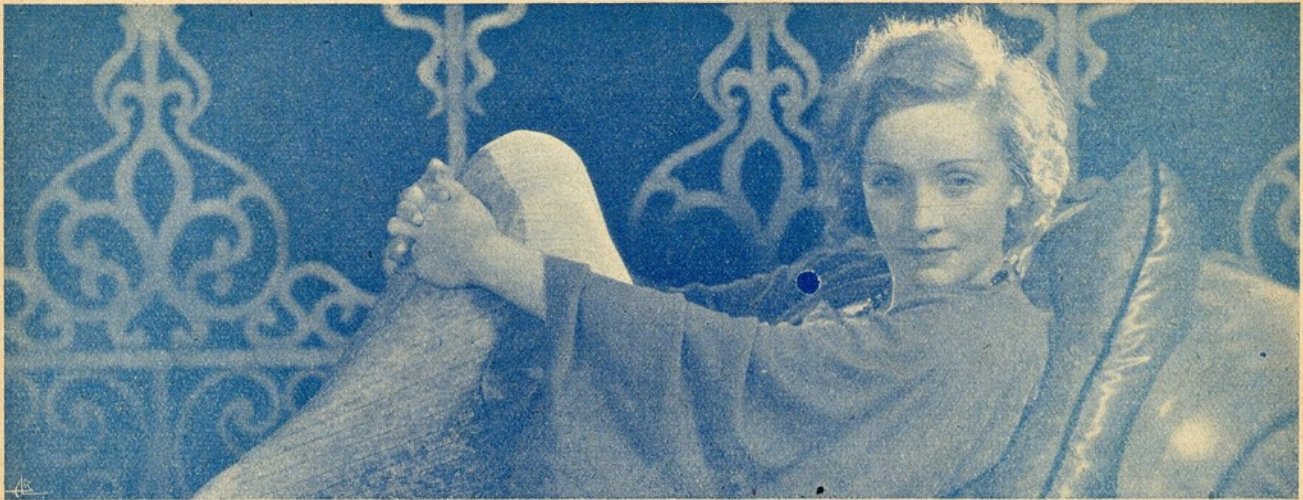
Está malzinho!...

VIVA O GILBERT! — Viva! Mas qual deles? Pergunta-me pelo Gilbert, e eu não sei se é pelo John Gilbert ou pelo Gilbert Roland. As mais recentes fitas do primeiro, são «Redenção», «Way for a Sailore» e «Gentleman's Fate»; do segundo, «New-York Nights», «Men of the North» e a versão espanhola de «Ressurreição». John Gilbert, ainda não se divorciou da Ina Claire, e consta que virá breve à Europa. Quanto a Gilbert Roland... O Norma Talmadge, que é feito do Gilbert Roland?

MANUEL MARIA B. MÓNICA: — Muito obrigados Ihes estamos pelo seu oferecimento, que não podemos aceitar, visto não querermos, por enquanto, representantes na provincia.

VIVA O CHEVALIER! E mai-la Yvonne Vallée!

Os filmes de Chevalier são: «A Canção de Paris», «Parada do Amor» «Para- 11



Marlene Dietrich em «Fatalidade», um filme da «Paramount» que veremos brevemente no «Trindade»

mount em Gala», «O Grande Charco», dos já exibidos entre nós. A exhibir, «O Café do Felisberto», e «O Tenente Sedutor».

Em «O Café do Felisberto», Ivonne Vallée, sua esposa, e Tania Fédor. Em «O Tenente Sedutor», Claudette Colbert, que vimos em «O Grande Charco» e Miriam Hopkins.

MARIETA — 1.<sup>a</sup> — «Rio Rita» foi exibida no Porto em Novembro de 1930 e reexibida mais tarde na segunda-feira de Carnaval, e no verão de 1931. Se não a viu, não sei que lhe faça. E' provável que volte ainda a ser reexibida, mas não lhe posso dar a certeza. Talvez sim... talvez não... 2.<sup>a</sup> — John Boles está agora com a «Fox», mas parece-me que por pouco tempo. Ou me engano muito, ou não tardará a voltar à «Universal» para a qual tem trabalhado ultimamente. 3.<sup>a</sup> — «Fox Studios», Movietone City, Califórnia.

JORGE SOUSA: — Sinto muito não poder ser-lhe agradável, logo na primeira pergunta que me faz, mas isso não é pergunta que se faça: «Qual é, em meu entender, a pior fita de 1931?»

Ora o Jorginho, para o que havia de lhe dar!

UM APAIXONADO: — De quem? Da Greta? Da Janet? Da Lilian? Da Laurinha? Da Brigitte? Da Jeanette? Ou de todas, como o nosso... (ai, o que eu ia a dizer!).

O que não acredito é que a sua paixão seja pelo... Georges Milton, por cuja direcção pergunta: 14 bis, Villa Madrid, Neuilly-sur-Seine, Seine, França.

EU LUPO A LUPE: — Pode escrever-lhe actualmente para a «Paramount-Public Studio», 5451 Marathon St., Hollywood Calif., onde ela está fazendo a fita «Asa Quebrada». De quem será a asa? pergunto eu. Do Gary Cooper, do John Gilbert?

PANDEGO ATÉ À MORTE: — Assim quisera eu poder falar! Em espanhol, de Laurel e Hardy, só vi «Ladrões», «Tremmer e Titubear» e «Noite de Fantasmas». Ha mais, mas ainda não foram estreadas.

EU SEI TUDO.

## Pelos nossos Cinemas

NOITE DE FANTASMAS (Noche de Duendes): — Uma das melhores comédias de Laurel e Hardy, um par que tem a simpatia do público, aquela simpatia que é tributada por Pat e Patachon, que o sonoro afastou dos nossos cinemas.

De abundantes situações hilariantes, algumas são extraordinariamente contagiosas, como a do «pullman», a da aparição dos fantasmas, etc.

O público riu, eu ri, e todos ficamos satisfeitos com esta película, que tem, salvo erro, cinco bobinas, e é um esplêndido complemento de programa.

Produzida pela «Metro-Goldwyn-Mayer. Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda.». Estreada no «Olimpia» em 1 Fevereiro 1932.

COW-BOY À FORÇA (Way Out West): — Bravo! Fred Niblo dirigindo um filme de Oeste!



O nome de Fred Niblo é hoje uma garantia. E' claro que estas garantias, principalmente em cinema sonoro, falham por vezes; porém, um nome consagrado na realização, tem menos probabilidades

de falhar do que um desconhecido ou qualquer outro que já no mudo houvesse falhado. E Fred Niblo, nesta comédia, portou-se à altura do seu nome. Não se trata, positivamente, de uma obra de mestre, mas reconhece-se que há ali dedo de quem sabe do assunto. Como tudo desliza sem altos, sem baixos, suavemente, como se acompanha com interesse todo o desenrolar do entreccho! Se defeito tem o filme, esse não é culpa de Fred Niblo — o remate da história, com aquela mordedura da cobra e as perseguições que se seguem, cordelinho muito forçado que o cenarista podia muito bem evitar, se não tivesse a preocupação de esticar a novela.

William Haines, à vontade na personagem bem humorada que vem interpretando desde há anos. Leila Hyams, que merecia aparecer mais vezes entre nós, é a «ela» do Haines, e faz correctamente o que o papel lhe permite — e não é muita coisa. Polly Moran e Cliff Edwards seguem depois à frente dum elenco regular, sem razões de destaque.

Comédia simples, se não tem condições para constituir, por si só, um programa, está muito bem escolhida acompanhando «Noite de Fantasmas». E' um assunto do Oeste, mas cheio de beleza, bem dirigido, que vê com relativo agrado quem não fôr muito exigente.

Autores: Byron Morgan e Alfred Black — «Easy Going». Cenaristas: Os mesmos. Fotografia: Henry Sharp. Director de som: Douglas Shearer. Realizador: Fred Niblo. Intérpretes: Bill, William Haines; Molly, Leila Hyams; A criada, Polly Moran; Tribby, Cliff Edwards; Steve, Francis X. Bushman Jr.; Buck, Charles Middleton; Outros intérpretes: Vera Marsh, Jack Pennick, Buddy Roosevelt, Jay Willsey.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda.». Estreada no «Olimpia» em 1 Fevereiro 1932.

A DEBANDADA (Conquering Horde): — Ainda há pouco, a propósito de «Os Civilizadores», disse que o público já não recebia muito bem os filmes do Oeste americano. E é verdade, se bem que,



MARCELLE CHANTAL

acaba de ser escolhida para o papel de Constance Weber, depois mulher de Mozart, na fita «O Canto do Cisne» que Henry Roussel vai realizar sôbre a vida de Mozart

muitas vezes, uma injustiça. Como agora com «A Debandada».

Trata-se duma boa fita, de curioso entreccho, belamente filmada, que se vê com agrado, demais que é um filme lançado sem pretensões, um filme de que pouco se espera. Sobretudo, há na direcção de Edward Sloman peças tam lindas e tam vigorosas de essência filmica, que só por isso esta fita merecia o aplauso do público.

A condução do gado para Alibem, na penosa marcha de muitas semanas, está feita com profundo tacto, e nem por simples momentos faz esmorecer a atenção do espectador. E' que Edward Sloman soube manter a acção sob permanente interesse, abstraindo da descrição cinematográfica tudo o que pudesse prejudicá-la; assim, sem nos tirar a ideia do valor-«tempo», por quadros secundários, como o do encontro com as tropas, depois o ataque dos índios, etc., sustentou a atenção do público por essa marcha, esmaltada, por outro lado, de pormenores episódicos que dão ao desenvolvimento do entreccho um interessante sabôr novellesco, mais do que sufficiente para tornar «A Debandada» um filme digno de exito. A travessia do Red River é um quadro maravilhoso de conjunto, a que primorosa fotografia e caprichosas tomadas de vistas dão a categoria do melhor que tenho visto no género.

Como figuras centrais da novela, Richard Arlen e Fay Wray, dois conscienciosos artistas, que estão muito bem nas figuras que desempenham. Fay Wray, actriz de grande valia, já consagrada por outros filmes, tem um lugar reservado nas simpatias dos nossos cinéfilos. Precisa de aparecer mais frequentemente nas nossas telas. Claude Gillingwater, magnifico, no capataz Jim.

«A Debandada», a-pesar-de ser um filme do Oeste, vê-se com satisfação,

Autor: Emerson Hough. Cenaristas: Grover Jones e Willian Lavens McNutt. Fotógrafo: A. J. Stout. Director de som: Harold Lewis. Realizador: Edward Sloman. Intérpretes: Dan McMas-

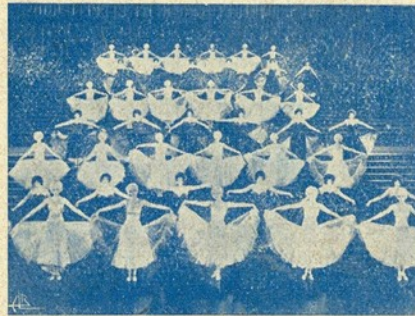


ters, Richard Arlen; Tatie, Fay Wray; Jim, Claud Gillingwater; Cinco, George Mendoza; Fletcher, Ian MacLaren. Outros intérpretes: Frank Rice, Arthur Stone, James Durkin, Charles Stevens, Edwin J. Brady, Robert Kortman, Harry Cording, John Elliott, Karhrin Clar Ward.

Produzida em 1931 pela «Paramounts». Programa «Paramount Films S. A.». Estreada no «Batalha» em 5 Fevereiro 1932.

les que ainda não viram outro grande espectáculo deste género, mas não farão delirar os que viram os quadros de revista de «Não, Não, Nanette», os que viram «Hollywood Revue» e, principalmente, «O Rei do Jazz». Para éstes «A Revista das Revistas» apresentará dois ou três quadros de interesse, mas a maioria, com as suas marcações exquísitas, os seus grupos acrobáticos, as suas girls, os seus bailados e os seus desfiles de caprichos vestuários, já são muito nossos conhecidos d'aqueles três filmes referidos.

«A Revista das Revistas» pode agradar parcialmente, sobre tudo ao espectador que quiser ver num só filme a Dolo-



res Costello, a Alice White, a Patsy Ruth Miller, o Monte Blue, a Helene Costello, a Alice Day, a Loretta Young, o Noah Beery, a Louise Fazenda, a Armida, a Marceline Day, o Tully Marshall, a Myrna Loy, a Sally Blane, etc., etc.

Que, afinal, se anunciam muitos que lá não aparecem! Um doce a quem no decorrer da revista, descobrir John Barrymore, Bem Turpin, Douglas Fairbanks Jr., etc. E' claro que não se conta com o panno final, onde aparecem todos a cantar!..

Realizador: John Adolphi. Danças dirigidas por Larry Ceballos e Jack Hoskell. Fotógrafo: Bernard McGill. Interpretes: Os principais artistas da «Warner Brothers» e da «First National», entre os quais: Hobart Bosworth, George Carpentier, Monte Blue, Alice White, Molly O'Day, Louise Fazenda, Richard Bertelmeiss, Dolores Costello, Marceline Day, Sally O'Neil, Armida, Loretta Young, Sally Blane, Myrna Loy, Alice Day, Nick Lucas, Noah Beery, Shirley Mason, Viola Dana, Alexander Gray, Betty Compson, etc.

Produzida em 1929 pela «Warner Brothers», Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 8 Fevereiro 1932.

O LOBO DA CALIFÓRNIA (Song of the Caballero): — Uma das velhas fitas em séries, de aventuras, condensada em 6 ou 7 partes. Ranchos, ou herdades, uma «ela», um «vilão», um «êle» heroi salvador, cavalos, correrias, proezas, lutas, etc. Até nem falta lá o nosso velho conhecido Francis Ford, o famoso «Conde Hugo» de «A Moeda Quebrada», «A Filha do Circo», etc. (O' Lopes Ribeiro, quanto valia, ha 15 anos, um quadradinho de fita, com um primeiro plano do Conde Hugo?).

Tais atributos de «O Lobo da Califórnia» não inferiorizam esta película como espectáculo interessante, muito apreciável, para o público dos cinemas populares, que ainda não esqueceu o Fred Thomson e o «Raio», o Tom Mix e o «Malacara», e que adora actualmente o Ken Maynard e o «Tarzan».

E, aqui para nós, que ninguém nos ouve, eu, que tenho orgulho em ser um bom cinéfilo, também não desgosto, de vez em quando, dum filmesinho destes.

Nem só de Pabsts, de Clairs, de Lubitschs e de Thieles vive um cinéfilo!

Autores: Kenneth C. Beaton e Norman Sper. Cenarista: Benneth Cohen. Fotógrafo: Ted McCord. Director de som: C. Roy Hunter. Realizador: Harry J. Brown. Intérpretes: Ken Maynard, Doris Hill, Francis Ford, Gino Conrado, Evelyn Sherman, Josef Swickard, Frank Rice, William Irving, Joyzelle e o cavalo «Tarzan».

Produzida em 1930 pela «Universal». Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 8 Fevereiro 1932.

O FABRICANTE DE ESTRÊLAS (Free and Easy): — E' desnecessário salientar o valor de Buster Keaton (Pamplinas) como actor cómico. Todos sabem que êle, com Harold Lloyd e Charlie Chaplin, forma o mais antigo e mais notável trio de artistas que o cinema, na difficil modalidade cómica, nos tem dado. E todos sabem também que as suas fitas de grande metragem, como todas as de Lloyd e de Chaplin, porque teem de apresentar um entreccho onde caibam dez ou doze bobinas, não podem, positivamente, resultar uma série ininterrupta de situações hilariantes, como o eram os filmes de duas partes que lhes abriram o caminho da celebridade.

«O Fabricante de Estrêlas» não foge à regra, não é a difficillima excepção que todos desejaríamos, e, nas suas 10 partes, sobretudo nas últimas centenas de metros, ha sequencias completas que não despertam grandemente o riso. Buster Keaton quis aproximar-se de Charlie Chaplin forçando a nota da tragédia íntima, mas cometeu a imprudência de deixar para as últimas partes do filme a exteriorização desses conflitos d'alma, sem aproveitar desse contraste um remate que provocasse a gargalhada do espectador, como o faz Charlie Chaplin. Humano, imensamente humano esse desfecho, mas pouco desejável, por se tratar duma comédia cómica.

Pelo contrário, na primeira metade do filme, e em parte da segunda,



as gargalhadas são frequentes, porque frequentes são os grandes momentos de gags inusitados ou, se alguns já conhecidos, bem enquadrados, em que Buster Keaton põe em grande evidência a sua arte, todo o seu valor. Que perfeita interpretação, a da cena do filme histórico que Fred Niblo está dirigindo! Que ricas atitudes, quando quer dar a perceber ao porteiro do estúdio, que é um conhecido daquele grupo de realizadores, em que vemos Cecil De Mille, Fred Niblo e Ed. Sedgwick! Que naturalidade e que convencimento em muitos outros quadros, prodígios de veia cómica profunda, de um talento invulgar!

# PHOTO-TONE

# TALKAFILM

## A maravilha da reprodução SONORA

Pedidos de informações a

### Augusto Alberto de Sousa

Travessa Passos Manuel, 22-1.º — PORTO

Os melhores resultados pelos preços mais acessíveis

■ ■

Tipos de aparelhos para todas as categorias de cinemas

■ ■

A marca que tem garantido grandes enchentes no cinema «Batalha» — Porto

■ ■

O aparelho Sonoro que os cinemas da província estão aguardando

«O Fabricante de Estrélas» se é um filme essencialmente cómico, não é uma produção equilibrada. Mas tem quadros muito desopilantes, na primeira metade, que talvez façam esquecer alguns outros onde o sentimentalismo é exteriorizado «a sério», na segunda...

Autor: Richard Schayer. Cenaristas: Richard Schayer e Paul Dickey. Fotógrafo Leonard Smith. Director das danças: Sammy Lee. Director de som: Douglas Shearer. Realizador: Edward Sedgwick. Intérpretes: Elmer, Buster Keaton; Etoira, Anita Page; A mamá de Etoira, Trisxie Friganza; Larry, Robert Montgomery; O realizador Niblo, Fred Niblo; Na cena do quarto de dormir, Gwen Lee, John Miljan e Lionel Barrymore; Na cena da explosão, Karl Dane e Dorothy Sebastian; Um convidado, William Haines.

Produzida em 1929-30 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltd. Estreada no "Trindade" em 9 Fevereiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA



Ricardo Cortez e Irenne Dunne serão os protagonistas da fita «Symphony of Six Million», que a «RKO» vai fazer sob a direcção de Gregory La Cava.

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

■ ■

Últimas exhibições de filme de aventuras

### A DEBANDADA

com RICHARD ARLEN e FAY WRAY

Terça-feira, 16 — O magistral filme falado e cantado em francês

## O REI DOS BORLISTAS

— com o popular artista francês GEORGES MILTON (Bouboule) —

## PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 4

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 18 e 20 de Fev.  
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 18 e 20 de Fev.  
PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 18 de Fevereiro  
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 18 de Fevereiro  
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 20 de Fevereiro

C  
J  
N  
E  
M  
A  
15

# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos



Apresentará brevemente no Borto

**Os Filhos**



**A Valsa dos  
Corações**



**Aventura  
Amorosa**



**Noites de  
Veneza**



Quatro filmes que serão  
Quatro Grandes Êxitos